

Editorial

WebMosaica Porto Alegre, volume 2, número 1, janeiro-junho 2010

É COM ENORME SATISFAÇÃO QUE O INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL lança mais um número da WebMosaica. A revista contém cinco artigos na sessão **Dossiê**, três na seção **Artigos**, um texto na seção **Entrevista**, outro na seção **Memória** e duas **Resenhas**.

A temática proposta para o Dossiê – *Judeus, História e Memória* – abria um amplo leque de possibilidades, tais como aspectos marcantes da história judaica, como foram o êxodo ocorrido na Judeia após a queda do templo de Jerusalém, no ano 70 de nossa era, a Inquisição e a expulsão dos judeus da Espanha e de Portugal, no final do século XVI, e o Holocausto judaico, registrado durante a segunda guerra mundial. Esta temática também poderia abranger trabalhos referentes à história judaica especificamente, como os registros da presença ou da atuação de judeus em diferentes momentos da história das civilizações e análises sobre a sua participação em diversas partes do mundo e em diferentes épocas. Outros temas passíveis de compor o **Dossiê** seriam as línguas utilizadas pelos judeus – principalmente o ladino e o iídiche, que atualmente têm uso limitado – e suas manifestações literárias. A temática é tão ampla que poderia abarcar ainda as contribuições de judeus às ciências e às artes, assim como sua participação em posições marcantes em diferentes sociedades onde viveram. O **Dossiê**, limitado a um total de entre quatro a seis artigos, não poderia incluir todos esses aspectos. Pertinentemente, os artigos apresentados neste número são bem diversificados e abordam aspectos importantes da memória e da história judaicas.

No caso do artigo de Michel Pollak, *A gestão do indizível*, fizemos duas exceções às regras formuladas por ocasião da definição das características da revista, uma diz respeito à extensão do artigo, a qual se justifica, por um lado, pela qualidade e importância do texto e, por outro, pelo fato de incluir grandes trechos do depoimento de uma mulher sobrevivente do Holocausto, que revela, entre outros aspectos relevantes, fatos do dia a dia de um campo de concentração pouco conhecidos pelos leitores de língua portuguesa. A outra, contrariando a regra de somente publicar artigos recentes, mas ainda respeitando a que prevê que os artigos da WebMosaica sejam inéditos em português, refere-se ao fato do texto ter sido publicado, pela primeira vez, em 1986, em francês, na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, e em 1990, num livro organizado pelo autor, *La vie concentrationnaire*, cuja tradução para o português foi feita especialmente para esta edição da WebMosaica. A nosso ver, a ‘idade’ do artigo não afeta sua importância, seja para o registro da história do Holocausto, seja por sua contribuição aos estudos sobre memória, principalmente nas áreas de história, sociologia, psicologia e literatura.

Até onde é de nosso conhecimento, os trabalhos de Michael Pollak traduzidos ao português são apenas dois: “Memória, esquecimento, silêncio” e “Memória e identidade

social”, ambos publicados pela revista *Estudos Históricos*, do Rio de Janeiro, respectivamente em 1989 e 1992, o que também motivou a publicação do artigo na revista, justificando mais uma vez as exceções.

Em *A gestão do indizível*, o autor destacou a entrevista, já referida, feita com uma mulher chamada Ruth, cujo sobrenome não foi revelado para preservar seu anonimato. O autor optou pela escolha do depoimento de Ruth, entre as muitas entrevistas que realizou com sobreviventes de campos de concentração, porque ela “possui um interesse particular, na medida em que mostra quão facilmente, embora de maneira equivocada, o silêncio pode ser considerado como esquecimento”. O autor mostra também “como os obstáculos encontrados no decorrer desta entrevista e as discussões que ela ensejou trouxeram à luz a inscrição de quaisquer história e memória individuais numa história e memória coletivas”; “porque histórias e memórias devem ser relacionadas aos locais onde elas foram produzidas, assim como aos públicos aos quais elas se destinam”; e a importância de considerar-se a análise de um relato de vida “como uma reconstrução da identidade e não apenas como uma narrativa factual”.

No segundo artigo do **Dossiê**, igualmente tratando do Holocausto, intitulado “*Holocausto, trauma e memória*”, numa abordagem multiculturalista, o antropólogo Bernardo Lewgoy adota uma perspectiva distinta da de Michael Pollak. Como indica o autor, seu trabalho baseia-se “em alguns dos novos contextos e desafios éticos postos à lembrança do Holocausto, num cenário pós-moderno de fragmentação, multiculturalismo e intensificação do revisionismo”. Tomando como base a literatura recente das ciências sociais, o autor destaca a importância e os problemas clássicos e atuais de representação da memória nos memoriais do Holocausto. Sem minimizar a criminalidade envolvida no assassinato de seis milhões de judeus, ele

chama a atenção para outros grupos minoritários que também foram vítimas da perseguição nazista. Em decorrência da perspectiva analítica apresentada, Bernardo Lewgoy salienta a importância de investir-se em memoriais multiculturais e rituais conjuntos, com homossexuais, ciganos e outras vítimas do nazismo, neutralizando, com isso, o exclusivismo e o isolamento judaicos.

A complexidade da identidade sino-judaica, de Gustavo Pedernik, uma reflexão sobre o judaísmo dos chineses, centra-se na comunidade judia de Kaifeng, na China central, descoberta no século XVII, onde os judeus se estabeleceram ainda em 1120 e lá construíram uma sinagoga, tendo desaparecido no século XIX. Hoje, mais de 18 séculos após o início dessa comunidade e um século e meio após o seu desaparecimento, algumas pessoas em Kaifeng, segundo o autor, se dizem descendentes de judeus e querem firmar sua identidade judaica, embora não sejam reconhecidos como judeus, nem pela lei judaica nem pela lei chinesa, e são vistos com suspeita. O autor conclui que o futuro dos judeus de Kaifeng é imprevisível, pois são muitas as questões políticas que definem sua identidade.

No artigo “*Memória e história do movimento sionista: Nechama Puchachevski, escritora da odisseia sionista*”, Reuven Faingold revela a presença de uma escritora judia na história do movimento sionista, sendo, como afirma, uma das pioneiras na conquista dos direitos da mulher em Israel e a primeira cronista-memorialista da colonização judaica na terra judaica. Nechama Puchachevski foi agricultora e viveu, com seu marido, numa aldeia agrícola (*Moshav*), em Rishon Letzion, na Palestina otomana e britânica, no início do século XX, e, em seus escritos, descreveu a vida nos *moshavot*. Ela foi uma das primeiras escritoras daquela região a traçar o perfil das mulheres orientais, principalmente iemenitas, e assumir uma postura feminista ao retratar essas mulheres como vítimas e objeto dos homens.

No quinto e último artigo do **Dossiê**, baseada em referências bibliográficas, entre as quais relatos de memorialistas, notícias de jornais e depoimentos de imigrantes, Ieda Gutfreind resgata a história da colonização judaica no estado do Rio Grande do Sul, no início do século XX, examinando os efeitos da Revolução de 1923 e do movimento da Coluna Prestes (de outubro de 1924 a abril de 1925) sobre a emigração dos colonos judeus da colônia *Quatro Irmãos* – situada na Região do Alto Uruguai, no estado do Rio Grande do Sul. De acordo com a autora, os imigrantes judeus, que haviam emigrado da Bessarábia e da Rússia, motivados pela busca de melhores condições de vida e para “escapar do cerco antijudaico do governo, dos atos de violência perpetrados também pela população civil, insufladas e/ou acobertadas pelas autoridades”, associaram esses efeitos aos *pogroms* por eles vivenciados no país de origem antes da vinda ao Brasil, ou sobre os quais sabiam por notícias de seus familiares ou por relatos de viajantes e de pessoas conhecidas. Temendo ser novamente perseguidos pelo fato de serem judeus, os colonos emigraram novamente, abandonando seus lotes, alguns em caráter definitivo.

A seção **Artigos**, de temas livres, conta com *A guerra no Bom Fim e o Bom Fim do Shtetl: a gênese da temática predominante nas obras de Moacyr Scliar*, de Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira; *O fracasso do evergetismo Romano na Judeia*, de Rosana Marins dos Santos Silva; e *Justiça e encontro: a Carta da Terra em uma perspectiva buberiana*, de Ricardo Libel Waldman.

O artigo de Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira examina o romance de estreia do escritor judeu brasileiro Moacyr Scliar, *A guerra no Bom Fim*, procurando demonstrar que seus principais temas, bem como o tratamento dado a eles na escritura ficcional, são a gênese do temário predominante no restante de sua obra de temática judai-

ca. De acordo com o autor, na obra de Scliar, assim como são escassas as referências a viagens marítimas feitas pelos imigrantes judeus entre suas regiões de origem e o Brasil, no livro examinado, da mesma forma como em seus primeiros romances, contos e novelas, os personagens centrais são os filhos dos imigrantes judeus. Assim, Scliar, no livro *A Guerra no Bom Fim*, situa a história no bairro onde se instalou a maioria desses imigrantes, na cidade de Porto Alegre, no início do século XX, sem deixar de trazer à tona “as tensões do mundo adulto sobre aquilo que irremediavelmente estava acontecendo na Europa” e também alguns dos conflitos europeus e brasileiros.

Rosana Marins dos Santos Silva investiga as causas pelas quais o processo de dominação romana foi se degradando aos poucos na Judeia do século I, região onde habitavam os judeus, fazendo uma descrição das relações sociais vigentes naquela sociedade, que esteve sob o domínio dos romanos desde a década de sessenta do século I a.E.C. até a década de sessenta do século I E. C. Uma das manifestações da dominação romana era o *ervegetismo*, o qual, como informa a autora, “era um princípio político em que, através de um acordo entre interessados, geralmente um nobre e um vassalo, ou o rei e um nobre, o de mais alto escalão oferece favores e espera algum tipo de retribuição e reconhecimento da outra parte a fim de impor sua autoridade pela consensualidade”. Através desse sistema, os romanos delegavam aos aristocratas da Judeia a manutenção da ordem, o recenseamento da população e a coleta de impostos. Em troca, esses dirigentes podiam esperar receber benefícios de Roma, tais como apoio a seu prestígio local e algum lucro, ficando com parte da renda da coleta de impostos, assim como a obtenção da cidadania romana. Devido a isso, a aristocracia judaica tinha interesse na manutenção da paz. “No caso da Judeia, a instituição óbvia de onde se poderia

esperar que proporcionasse no país a desejada impressão de paz e continuidade era o Templo e seus sacerdotes”.

No texto *Justiça e encontro: a Carta da Terra em uma perspectiva buberiana*, Ricardo Libel Waldman apresenta a contribuição de Martin Buber para os fundamentos da Carta da Terra, que é “uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século XXI, de uma sociedade global, sustentável e pacífica”. O autor apresenta a Carta da Terra e sua origem, discute seus fundamentos a partir da análise de um de seus princípios, estabelece relações entre estes fundamentos e os temas da justiça e o encontro entre Eu e Tu, mostra a relação entre as palavras-princípio de Buber e as formas de justiça na Carta da Terra e, finalmente, demonstra como os princípios da Carta da Terra devem ser pontos de partida para o diálogo.

Na seção **Memória**, Dominique Frischer, em *O Barão de Hirsch e a imigração judaica para o Novo Mundo*, baseada numa ampla documentação, meticulosamente indicada no livro no qual baseou este trabalho, historia a participação do maior filantropo judeu, o milionário bávaro Barão Moritz Von Hirsch, na saga da imigração dos judeus europeus para a América do Sul. Como indica a autora, Hirsch impulsionou a imigração judaica para a América do Norte e do Sul (nesta, primeiramente para a Argentina e o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil) e desenvolveu as primeiras colônias agrícolas judaicas nesses continentes.

Em **Entrevista**, estabelece-se um diálogo entre Bernardo Sorj – Professor Titular de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e diretor do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais – e WebMosaica, discutindo o tema do judaísmo em algumas de suas questões, como identidade, educação, continuidade, transmissão de valores culturais e éticos, religiosidade e laicidade judaicas. Muitas das respostas do entrevistado são desenvolvidas em seu

livro *Judaísmo para todos*, no qual, entre outros aspectos, ele propõe que, para um judeu, a pergunta “o que é ser judeu”, passa a ser, nos tempos atuais (quando se assumem o pluralismo e o respeito à individualidade), “que judeu eu quero ser?”

Em **Resenhas**, Fábio Prikladnicki, doutorando em Literatura Comparada (Ufrgs) e mestre pela mesma instituição, resenha o romance *A leve simetria*, uma reescrita da história bíblica de Davi e Jonatan transposta para sociedade judaica contemporânea, um romance em narrativa paralela do escritor da novíssima geração de escritores judeus, Rafael Bán Jacobsen, cuja trajetória o resenhista situa antes na esteira de narrativas memorialistas, depois na de Scliar, em quem teria adquirido sua maturidade ficcional, e, mais recentemente, na de Cíntia Moskovich, com quem teria se firmado literariamente. Berta Waldman, Professora Titular em Literatura Judaica da Universidade de São Paulo, resenha a biografia *Clarice, uma biografia*, escrita por Benjamin Moser, jovem escritor norte-americano. Berta Waldman inicia seu texto ponderando sobre a biografia enquanto gênero narrativo para introduzir sua avaliação literária sobre o romance que resenha. A resenha, no entanto, não se esgota na exposição teórica sobre a narrativa biográfica e na análise crítica do texto, vai além com comentários sobre Iluminismo Judaico – a Hascalá –, para refletir sobre a questão da identidade judaica, e sobre o *Pentateuco*, a cuja luz examina a técnica de elaboração da linguagem dos textos de Clarice e que subsidia sua opinião sobre a marca judaica em sua obra.

Com este número, a WebMosaica cumpre, mais uma vez, seu objetivo de trazer aos leitores, com o rigor acadêmico que lhe caracteriza, artigos de diferentes vieses e abordagens da temática judaica em diversas áreas das humanidades.

Os editores